

Segurança Pública ES

Reportagem Especial

FALTA DE POLICIAMENTO

Cidades com só 2 PMs nas ruas

Cinco municípios do Estado têm apenas dois militares fazendo patrulhamento das ruas. Prefeitos pedem reforço policial

Fernanda Coutinho

Porcelos menos cinco cidades do Espírito Santo têm dois policiais para fazer a segurança diária da população. Esse é o efetivo que vai para as ruas todos os dias fazer o patrulhamento, evitar roubos, assassinatos e até brigas de casal.

Esses dois policiais estão sempre em uma radiopatrulha atendendo ocorrências na sede e distritos de municípios como Vila Valério e Ibirapu, no Norte do Estado; São Roque do Canaã e Itaguaçu, na região serrana, e Alfredo Chaves, no Sul.

Os dados foram fornecidos pelas prefeituras municipais, já que a Polícia Militar não divulga os números alegando que se trata de informação estratégica.

O problema, segundo os municípios, se agrava quando há a necessidade de deslocamento dos policiais para outras cidades para fazer o registro de flagrantes.

É quando o efetivo militar diminui ainda mais e os municípios ficam sem policiamento nas ruas.

Mesmo em cidades onde o índice de homicídios não é elevado, como Venda Nova do Imigrante, que não registrou homicídios durante todo o ano passado, e São Roque do Canaã, onde foi registrado um assassinato no mesmo período, o consumo e o tráfego de



EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE, no distrito de São João de Viçosa, moradores reclamam que não há policiamento e o posto da PM foi desativado

drogas são as causas de assaltos que tiram o sossego da população.

Em boa parte desses municípios, os plantões são organizados com quatro policiais, sendo que dois são responsáveis por fazer a ronda nas ruas e dois ficam parados no destacamento para atender ocorrências que chegam pelo 190 (Cidades) e serviços administrativos.

Mesmo quando o efetivo total da PM nas cidades é de 15 policiais, o sistema de escala, com folgas de 72 horas, restringe muito o número

policiais nas ruas.

Em Itaguaçu, se a PM for atender ocorrência na zona rural, a sede do município fica sem policiamento. O prefeito, Romário Basílio, destaca que o aumento do efetivo já foi solicitado à Secretaria de Estado da Segurança Pública (Sesp).

“Apesar de serem poucos, os policiais têm feito um trabalho que vai além da capacidade deles”, disse o prefeito, destacando os militares que atuam na cidade.

Em Ibirapu, a maior insegurança

é no comércio. Segundo a prefeitura, dois policiais por turno fazem a segurança ostensiva da população nas ruas.

O aumento do efetivo também foi solicitado à Sesp. Já em Alfredo Chaves, o prefeito Fernando Videira Lafayette estima que o ideal seria ter o dobro de policiais.

“Acredito que é uma necessidade de todos os municípios. Quando é feito o combate ao crime nas grandes cidades, a tendência é de bandidos virem para o interior”.

OS NÚMEROS

13.830
é a população de Vila Valério

2 policiais
fazem a segurança nas ruas

5 cidades
têm dois policiais diariamente

DPM vira depósito para bebidas

Em Vila Valério, o Destacamento de Polícia Militar (DPM) do distrito de São Jorge da Barra Seca, a 30 quilômetros da sede, foi fechado há sete anos. O local virou uma espécie de depósito de garrafas de cerveja e refrigerante.

O abandono é o mesmo em São

João de Viçosa, em Venda Nova do Imigrante. Moradores viram o DPM local ser fechado há 10 anos. Com isso, a população conta apenas com as rondas que são feitas pelos policiais que cuidam da sede do município e áreas rurais.

Vila Valério tem 13.830 habitan-

tes e registrou 10 homicídios no ano passado — mesmo número de 2010. O período mais crítico é durante a colheita do café, segundo o prefeito, Edecir Felipe.

Os moradores relatam dificuldades até para acionar a polícia. “Celular aqui não pega. As emergências são comunicadas pelo orelhão. Só aparecem em último caso”, disse o comerciante Silvestre Inácio.

Em Venda Nova do Imigrante a população cresceu 26,58% em 10 anos, passando de 16.154 habitantes para 20.447. São quatro policiais militares, em duas radiopatrulhas, para atender o município diariamente. Porém, de acordo com uma estimativa do prefeito, Dalton Perin, a cidade que já contou com um efetivo de 25 homens, atualmente teria cerca de 14 policiais militares no total.

Os moradores de São João de Viçosa, cidade que é cortada pela rodovia BR-262, reclamam da criminalidade e querem que o posto seja reativado.

DEPOIMENTOS

“A polícia não circula 24 horas”

“Tenho consciência de que a Polícia Militar não circula 24 horas na comunidade. Eu instalei um sistema de alarme no meu comércio.

Com isso, espero ao menos conseguir inibir a ação dos bandidos no meu estabelecimento.

Não tenho condições de arcar com a contratação de um segurança particular. Acredito que sairia

muito caro.

Mas se os comerciantes se juntassem para ter esse serviço, eu concordaria com a iniciativa.”

Rogéria Maria Cândido, 38, comerciante de Venda Nova do Imigrante que já foi assaltada



“A segurança é fraca”

“Sentimos que a segurança é fraca. O pior acontece quando apertam o cerco contra os bandidos na Grande Vitória. A marginalidade vem para o interior junto com a droga.

E isso se torna um grande problema, mesmo para quem mora no interior.”

Sebastião Pereira da Silva, 55, agricultor de Vila Valério



“Segurança precária”

“Os roubos são constantes em São João de Viçosa. Só no final do ano passado eu me lembro de três assaltos nas proximidades de minha casa.

A segurança está precária e é preciso que o antigo posto policial seja reativado.”

Sabrina Pereira Uliana, 32 anos, moradora de Venda Nova do Imigrante



POSTO DA PM no distrito de São Jorge da Barra Seca, em Vila Valério, que virou depósito de garrafas de bebidas

NILO TARDIN

NILO TARDIN

LEANDRO FIDELIS

Reportagem Especial

FALTA DE POLICIAMENTO

Moradores têm de prender ladrão

Em Santa Maria de Jetibá, região serrana do Estado, não há plantões na delegacia nos finais de semana.

Como não podiam esperar, moradores tomaram uma medida extrema: eles prenderam um suspeito de praticar um furto, no final do ano passado.

De acordo com moradores, os policiais militares teriam se deslocado até Cariacica para registrar uma outra ocorrência.

Sebastião Pioto Guilherme, morador do município, estava em uma festa de casamento quando teve o aparelho de som do veículo furtado.

Os seguranças da festa conseguiram abordar o suspeito. Imediatamente, eles ligaram para o Destacamento de Polícia Militar (DPM), mas as ligações não foram atendidas, segundo o morador.

O suspeito foi amarrado e levado

para o Destacamento de Polícia, enquanto a população tentava contato com os policiais, por telefone. Depois de esperarem por duas horas, os moradores desistiram e o suspeito foi solto.

“Amarramos o assaltante e o levamos no meu carro até o DPM. Chegando lá, o local estava fechado e havia três radiopatrulhas estacionadas, mas nenhum policial de plantão. Esperamos e tentamos contato com os policiais por duas horas, mas não conseguimos falar com ninguém”, afirmou.

O morador disse que, durante o tempo em que os policiais se deslocaram até Cariacica, a cidade ficou sem segurança.

“Tivemos que soltar o assaltante por não termos onde deixá-lo. Infelizmente, essa não é a primeira vez que uma situação como essa acontece em nosso município”, relatou o morador.

PAPEL DA POLÍCIA

JULIO HUBER

“Amarramos o assaltante e o levamos no meu carro até o DPM. Chegando lá, estava fechado e havia três radiopatrulhas estacionadas, mas nenhum policial de plantão”

Sebastião Pioto Guilherme, de Santa Maria de Jetibá



IMPUNIDADE

NILO TARDIN



Inquérito de crime leva 6 anos

Sem delegado no município de Vila Valério e com apenas dois policiais no patrulhamento, o esclarecimento de crimes é demorado, principalmente em áreas rurais.

É o caso da dona de casa Arminda Schultz, 49 anos, que mora no distrito de São Jorge da Barra Seca e teve o filho assassinado há seis anos. Somente há três meses o inquérito policial foi concluído.

O jovem Rosimar Bolt, 19, foi executado com um tiro na nuca por um motoqueiro que atirou no meio da rua. A mãe reclama da demora.

“O corpo do meu filho ficou 12 horas estendido na rua até a perícia chegar no outro dia. Fazem o que querem aqui. Não tem polícia”.

Segundo o delegado José Henrique Oliveira, uma pessoa foi indicada e o acusado está preso.



MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA PALHA, que não tem plantão na delegacia e recebe ocorrências de Vila Valério

Prefeituras pedem investigação

Para combater a criminalidade, as prefeituras querem mais investigação, com a presença efetiva também da Polícia Civil.

Em Baixo Guandu, por exemplo, não há plantão na delegacia, de acordo com o prefeito Lastênio Cardoso. Após as 17 horas, todas as ocorrências são encaminhadas para o município de Colatina, a 47 quilômetros de distância.

O município de Baixo Guandu tem 29.081 habitantes e registrou 25 mortes no ano passado — 36% a mais que os 16 homicídios de 2010.

“O problema é o crack, que já está instalado. Tinha que ter a Polícia Civil mais atenta a isso. O que precisa é equipar mais a Polícia Civil”, afirmou o prefeito.

O diretor administrativo do Sindicato dos Servidores Policiais Cíveis (Sindipol-ES), Ésio Cavalcanti, destaca que o quadro de pessoal da Polícia Civil também não é suficiente.

“A Polícia Civil nunca teve seu efetivo completo. A maioria das delegacias está defasada. Outras especializadas foram criadas e não foram feitas contratações suficientes. Em Baixo Guandu, a delegacia é nova, mas não tem efetivo”, avalia Cavalcanti.

Nos municípios de Vila Valério e São Roque do Canaã não há delegacia de Polícia Civil. De acordo com o prefeito de São Roque, Marcos Guerra, o delegado de Santa

Teresa atende uma vez por semana, às quartas-feiras, no plenário da Câmara de Vereadores.

“O problema é a droga. Na cidade pequena, isso causa até mais transtorno, porque as pessoas estão sempre se encontrando e convivem de perto com isso. Precisamos de investigação”, avalia o prefeito.

As ocorrências de Vila Valério são direcionadas para São Gabriel

da Palha — que não tem plantão — a 26 quilômetros do município.

O deslocamento também é feito até a cidade de Colatina, a 73 quilômetros.

O diretor da Associação de Cabos e Soldados da Polícia Militar Flávio Gava observa que o problema afeta também os policiais. “Ficam expostos aos riscos das estradas e, muitas vezes, ultrapassam a carga horária de seu serviço”.

O OUTRO LADO

Sesp promete mais efetivo

O subsecretário de Segurança Pública, Guilherme Pacífico, destacou que o efetivo das polícias Civil e Militar — em cada cidade — não é divulgado, por questões estratégicas.

Porém, afirma que o efetivo total é de oito mil policiais militares e um concurso para preencher mais mil vagas está previsto para este ano.

Já a Polícia Civil completará um efetivo de 2.360 policiais, com a posse de 315 investigadores, em março. Além disso, está em andamento o concurso para 80 vagas de delegado e está previsto concurso para contratar 250 agentes ainda este ano.

O subsecretário destacou que

novas radiopatrulhas têm tecnologia para subsidiar as ações policiais, sem que o policial precise se fixar em uma base, como os antigos destacamentos. A previsão é que alguns municípios do interior recebam essas radiopatrulhas este ano, mas ainda não foram definidos.

Sobre o prédio do DPM de Vila Valério, Pacífico destacou que muitas estruturas foram construídas pelos municípios e não pertencem ao patrimônio do Estado.

“Estamos fazendo um trabalho para que as novas unidades tenham a integração das polícias Civil e Militar. É um esforço para que não exista desequilíbrio entre as forças policiais nos municípios”.

ANÁLISE

“Policimento é fundamental para marcar presença do Estado”

“Os números são absurdos. Há cidades que quando têm um flagrante ficam cinco horas sem policiamento porque os militares precisam ir a outros municípios. E isso pode causar um grande transtorno.

A Organização das Nações Unidas (ONU) recomenda um policial para cada grupo de 250 a 350 ha-

bitantes. Esse policial tem que fazer a prevenção contra o crime, com o policiamento ostensivo.

É claro que é preciso ver a peculiaridade de cada local e considerar as estatísticas para fazer com que o efetivo seja melhor aproveitado.

O impacto de um homicídio em Mantenedópolis, com cerca de 13 mil

habitantes, é muito maior do que 10 assassinatos na Grande Vitória.

O problema da violência tem muitas faces, como a desigualdade social. Mas o policiamento é fundamental para marcar a presença do Estado. Um policiamento condizente é um dos fatores para inibir a prática de crimes.”

Dirceo Melo,
presidente da
Confederação Nacional
dos Delegados

